

# FATORES DE INFLUÊNCIA NA RELAÇÃO UNIVERSIDADE - EMPRESA<sup>1</sup>

*Lucinéia Crespin<sup>2</sup>*

*José Eduardo Rodrigues de Sousa<sup>3</sup>*

## 1. INTRODUÇÃO

Um dos objetivos básicos deste trabalho, resultado de pesquisa de campo efetuada junto aos professores da FACECA, foi o de procurar identificar os fatores que possibilitam a melhor interação Universidade - Empresa, bem como aqueles que dificultam esse relacionamento, na ótica dos professores da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - FACECA/ PUCAMP, além de identificar o nível de capacitação docente, salientando o seu importante papel para o desenvolvimento do corpo docente;

### 1.1 - O Ensino Universitário no Contexto Nacional

Desde a época de sua formação, o sistema de ensino superior brasileiro tem assumido um papel importante na formação da independência política, econômica e social do país. No período do

---

1 Trabalho financiado pela Coordenadoria de Ensino e Apoio à Pesquisa - CEAP da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCAMP.

2 Aluna pesquisadora da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas - FACECA/PUCAMP

3 Professor dos Departamentos de Administração e Economia da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FACECA/PUCAMP). Doutor e Mestre em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

Império foi dado a Escola de Minas de Ouro Preto o primeiro título de Faculdade no Brasil, de engenharia de minas, dada a necessidade de lidar com a tecnologia relacionada aos minerais de metais preciosos que eram explorados para a economia, a partir de meados do século.

Porém outros fatores conduziram ao surgimento de novas faculdades, dentre as quais se pode citar a de medicina, que recebeu a sua instrumentalização para o combate de epidemias tropicais da Fundação Rockefeller.

Em conformidade com o processo de crescimento da industrialização surgem novas carreiras vinculadas às ciências sociais, como a economia e a administração das empresas, voltadas a dotar o país de recursos humanos necessários para o processo de industrialização.

Desde então, a educação no Brasil tem um amplo raio de ação que atinge não só as mudanças políticas e econômicas, mas ultrapassa enfocando o homem, a sua personalidade como um todo, a sua aspiração à realização de si mesmo.

Com o crescimento das empresas surge a necessidade de uma interação maior entre as Universidades e as Empresas, porque ambas têm, é certo, um papel específico a desempenhar na sociedade onde suas atividades se efetuam, mas, se uma colaboração deve se instaurar entre elas, é claramente no âmbito da educação, reforçando a nível dos indivíduos a capacidade de aprendizado, de integrar-se à organização e de contribuir para o desenvolvimento econômico, social e político da sociedade.

Grande parte do esforço de desenvolvimento científico e tecnológico do país tem sido, direta ou indiretamente, intermediado pela

Universidade. Seja pela formação de recursos humanos, seja através da realização de pesquisa, sua participação evidencia-se como imprescindível.

Durante muito tempo viu-se a relação entre Universidade e empresa como uma relação funcional, algo como uma relação entre produtor e consumidor. Daí ter-se favorecido o desenvolvimento de programas universitários altamente especializados, com vistas a promover mais facilmente a futura carreira dos diplomados.

A indispensável renovação das relações entre as Universidades e a empresa depende da obtenção de certas condições fundamentais de equilíbrio entre a teoria e a prática; entre as buscas de novos modelos e a manutenção de estruturas onde possam se realizar plenamente as qualidades intrínsecas e o senso de iniciativa do indivíduo.

É preciso reconhecer explicitamente que o intercâmbio entre a Universidade e as empresas mostra-se construtivo dentro da ótica em que estimula idas e vindas de pessoas de ambos os meios. Essas pessoas servem de verdadeiros "emissários", pessoas cuidadosamente escolhidas por suas qualidades e por sua competência.

A Universidade mostra-se apta a elaborar projetos globais lançando mão dos recursos de disciplinas distintas, desde a administrativa até a técnica, sobretudo em áreas relacionadas à inovação, cuja busca é absolutamente essencial ao esforço de manutenção da competitividade de nossa economia.

Dessa forma as empresas, notadamente as dos setores mais dinâmicos da economia poderão contar com um pessoal imbatível no campo da pesquisa de novos compostos materiais, de novos

processos produtivos, passando ainda pela área produtiva, da administração e da pesquisa tecnológica e mercadológica.

## 2. O ENSINO UNIVERSITÁRIO NO BRASIL

O ensino brasileiro encontra confluência de forças e exigências sociais difusas, com a necessidade de um contínuo fluxo de mão-de-obra qualificada.

Embora as nações desenvolvidas continuem recorrendo, como em todas as sociedades, às Universidades para que admitam e treinem os vários talentos exigidos para o atendimento de suas necessidades, cada vez mais sofisticadas e especializadas, deve-se considerar, portanto, que, mais que habilitar pessoas para atuar como profissionais no mercado de trabalho, a Universidade deve formá-las para influir sobre a realidade onde vão atuar numa perspectiva de mudanças.

Há de se salientar ainda que a Universidade tem sido chamada a trabalhar na solução de diferentes problemas apresentados pela sociedade que a sustenta. Este princípio básico determina o relacionamento entre teoria e prática, entre ciência e profissionalização, entre os humanistas gerais e as exigências pragmáticas concretas. Não se poderá mais imaginar uma Universidade isolada da comunicação política, dos seus problemas e necessidades, pois trabalhar na solução dos mesmos constitui sua razão de ser.

No interior da Universidade o principal ponto crítico tem sido a dificuldade para a implantação de projetos. De acordo com o resultado obtido no II<sup>o</sup> Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração (1991: 164/165) "um dos motivos encontrados é o

baixo controle interno existente nas Universidades. Os professores têm autonomia em suas áreas e disciplinas. Além disso, existe a falta generalizada de recursos e de flexibilidade na aplicação de recursos disponíveis, sejam financeiros, instalações ou pessoas. A burocracia esmorece ânimos e também retarda prazos e, finalmente, há o receio natural de alunos, professores, funcionários, comunidade e da administração superior".

Para que essas barreiras sejam superadas faz-se necessária a participação política dos alunos, comunidade e professores procurando resolver os problemas que vierem a surgir com competência e habilidade suficiente, objetivando reduzir os focos de resistência por parte do público interessados (alunos, professores, administração e comunidade).

O incentivo à pesquisa nas Universidades é importante. Aumenta-se o orçamento, não para a ampliação do número de vagas, mas para permitir a contratação em regime de tempo integral de pesquisadores. Paralelamente, há investimentos importantes para equipar as salas, os laboratórios e as bibliotecas.

Os diferentes convênios firmados costumam envolver como contratantes órgãos de financiamento à pesquisa em empresas privadas, como apresenta Brisolla, (1990: 110) "os convênios da Universidade principalmente com empresas estatais, mas também com empresas privadas multiplicam-se, e a pesquisa acadêmica adquire um caráter destacado entre as Universidades brasileiras, por sua clara vinculação com a atividade produtiva".

Uma das primeiras formas de convênios estabelecidas sistemática e generalizadamente com a Universidade, a partir de meados da década de 60, visava a criação de cursos de pós-graduação. A

consciência de carência de recursos humanos capacitados para gerir o processo de “modernização” foi o motivo principal.

Na visão de Brisolla, (1990: 109), “o desenvolvimento científico e tecnológico nos países da América Latina ficou quase que integralmente por conta das Universidades, foi assim que, principalmente nos anos 60, os governos de vários países da América Latina empreenderam iniciativas no campo da geração de tecnologia própria, criando o Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CONICITS) e seus sucedâneos. No Brasil esses esforços podem ser classificados como os de maior vulto em relação aos da América Latina”.

Em algumas Universidades brasileiras, a existência de diferentes convênios, principalmente para a realização de pesquisa, são hoje parte do cotidiano. Os professores desempenham suas tarefas de pesquisa utilizando o material adquirido com financiamento externo, recebendo a complementação salarial proveniente do financiamento externo. O caráter da vinculação entre a Universidade e a empresa se dá via estabelecimento de convênios e não pela prestação de serviços diretos devido à distância que a maioria das Universidades têm em relação aos grandes centros industriais.

Num quadro de inflação observa-se a queda do poder aquisitivo dos docentes. Vê-se ainda que inúmeros fatores conjunturais tem levado a não poucas instituições de ensino e pesquisa a concentrarem seus recursos, enfatizando atividades voltados para estudos profundos e de duração de pelo menos dois a três anos, garantindo assim apenas os esforços de longo prazo.

Observa-se, efetivamente, estratégias diferentes para a complementação salarial por parte dos docentes de ciências exatas

e tecnológicas que encontram, no mercado de trabalho externo à Universidade, possibilidade de acesso a salários muito mais elevados devido ao sucesso com os convênios de pesquisa enquanto que os docentes das áreas de humanas apelam para a consultoria, ou um segundo emprego.

Vale, por fim, ainda salientar uma posição exposta por Bethlem (1993: 87), a da existência de três estímulos que levariam à inovação, quais sejam: a "necessidade educacional (em geral em sala de aula); realidade dos negócios (principalmente quando o professor encontra discrepância entre a realidade dos negócios e os que ensina); mistérios, provocações intelectuais e o estado insatisfatório de seu conhecimento".

### **3. A RELAÇÃO UNIVERSIDADE - EMPRESA**

Fracasso (1990: 134) destaca que a Universidade é uma organização que tem por objetivo buscar a disseminação do conhecimento, enquanto que a empresa teria por objetivo transformar o conhecimento em produto ou processo, com a visão orientada para o lucro. Durante muito tempo viu-se na relação entre as Universidades e as empresas uma relação funcional, algo como uma relação entre produtores e consumidores. Daí ter-se favorecido o desenvolvimento de programas universitários altamente especializados, com a intenção de promover mais facilmente a futura carreira de diplomados.

Schaeffer (1990: 136) coloca que "a Universidade precisa encontrar formas mais eficazes para provar aos empresários que ela tem potencial para a pesquisa e desenvolvimento tecnológico aplicados às empresas", como uma forma possível de reduzir a zona de atrito entre o meio universitário e o ambiente empresarial, evitando o

desenvolvimento de conhecimento tecnológico em circuito fechado, afastado da realidade e transmitido de maneira que nem sempre corresponde às exigências de sua aplicação na prática.

O meio acadêmico tem sido criticado pelas empresas por não levarem suficientemente em conta as restrições que sem cessar são impostas à liberdade de decisão e de ação das objetivações empresariais, bem como o trabalho de abertura que compromete sua capacidade de concorrência face às empresas estrangeiras. A comunidade acadêmica, quando se manifesta, é frequentemente para formular críticas parciais que fazem recair suspeitas sobre o sistema de mercado, sem no entanto, trazer a prova da existência de uma alternativa, como apresenta Marcovitch (1985: 90): "a América está vivendo uma situação de crise resultante do término de ciclo tecno-socio-econômico. Essa crise caracteriza-se pela drástica limitação de novos investimentos, pela elevação dramática do nível de desemprego, pela preocupação da instabilidade social nas grandes concentrações urbanas, pela revolução tecnológica que atravessam os países centrais e o conseqüente obsolescimento tecnológico que afeta os demais países".

Trata-se, sem dúvida, de uma generalização, mas que comprova amplamente a existência de lacunas na relação entre Universidade e a empresa. O próprio meio acadêmico se confessa pouco satisfeito com o intercâmbio atual. Queixa-se de uma política de difícil acesso aos centros de decisão, da ausência de política empresarial e da falta de informatização sobre os pontos de vista e o planejamento a longo prazo das empresas. Essa é a opinião dos diversos documentos pesquisados.

Normalmente os resultados das pesquisas já conduzidas nessa área salientam que a Universidade precisa encontrar uma forma de tornar

os contatos com as empresas mais profissionais, isto é, que deva haver uma agressividade maior no que tange à divulgação de seus projetos e à abordagem das empresas. A Universidade necessita encontrar meios para detectar e entender melhor as necessidades das empresas, se quiser ampliar a integração com as mesmas, uma vez que as empresas estão constantemente buscando coisas novas, devendo a Universidade acompanhar este processo se realmente intenciona emprestar sua contribuição. A esse respeito Castilho (1990: 137) observa que, nos dias atuais, "as empresas estão deixando as Universidades para trás em termos de novas descobertas no campo tecnológico".

A indispensável renovação das relações entre as Universidades e as empresas depende da obtenção de certas condições fundamentais de equilíbrio entre a teoria e a prática; entre a busca de novos modelos e a manutenção de estruturas onde se possa desenvolver plenamente as qualidades intrínsecas e o senso de iniciativa do indivíduo; entre a necessária elaboração de uma política geral e a confiança dos poderes públicos na competência daqueles que deverão executá-las.

As tentativas de integração Universidade - Empresa vêm ao encontro das necessidades do desenvolvimento tecnológico nacional que evidencia o salto qualitativo em termos de estrutura tecnológica que ocorre com a reativação dos investimentos produtivos.

Na visão de Rangel (1994: 32), a pesquisa tecnológica está motivada pelo desafio de conquistar novos mercados. Portanto cabe ao sistema educacional o papel de possibilitar à empresa a elaboração e/ou geração de tecnologia, através de pesquisa básica e aplicada na formação de profissionais com um base técnico-científica. Dessa

forma a absoluta ausência de sincronização entre o setor educacional e o produtivo tende a mudar com a superação do "gap" tecnológico.

Na interação Universidade - Empresa há uma relutância no engajamento do setor de pesquisa tecnológica, visto que existe uma tradição, por parte das empresas, de obter resultados imediatos de know-how estrangeiro e a falta de estrutura para contratar pesquisadores em termo integral faz aumentar o conflito existente. Dessa forma torna-se necessário associar, mesmo por um período transitório, ou centros de P&D das Universidades ou utilizar-se de acadêmicos e pesquisadores como consultores na busca de soluções, inovações, processos, produtos, técnicos e serviços responsáveis pelo progresso empresarial. De acordo com a afirmação de Reguly (1994: 16) a cooperação entre a Universidade e as empresas no setor de pesquisa deve ser estabelecida de maneira a preencher as funções que lhe são próprias, devendo essa cooperação "estar voltada, preferencialmente, para solução de problemas desafiadores que tragam uma contribuição real ao conhecimento científico e tecnológico".

Nessa linha de raciocínio, Bevilacqua Moraes (1994: 102) é de opinião que "a aproximação da Universidade com a indústria, através de algumas de suas unidades, tem sido benéfica para a academia, tanto para direcionar as atividades de pesquisa para temas aproveitáveis pelo setor produtivo, como para rever o conteúdo e a oferta de disciplinas e preparar cursos de reciclagem e aperfeiçoamento mais afins com as necessidades desses público".

Com o objetivo de encontrar novas saídas para o crescimento, as empresas estão priorizando a pesquisa aplicada, não só em relação aos investimentos internos em P&D, mas igualmente através de acordos de parceria com centros de excelência acadêmica,

objetivando a formação de pessoal especializado e a utilização de equipamentos mais sofisticados. Na visão de Renault (1994: 44), "o entrosamento entre Universidade e empresa privada deve ser promovido e incentivado ao máximo, principalmente no que se refere a estágios de estudos e treinamento tanto para os estudantes, como para recém formados, de modo a reduzir o problema e criar uma identidade técnico-científica, capaz de atender às expectativas e demandas da sociedade".

Dentro dessa parceria Universidade - Empresa vale destacar a proposição de um modelo de Política Nacional de Ciência e Tecnologia feito por Rangel (1994: 47), aqui resumido a três pontos principais:

- a) De longo prazo, de forma a assegurar a indispensável continuidade de projetos;
- b) Resultante da participação da comunidade científica e das lideranças empresariais;
- c) Sintonizada com as necessidades sociais, dando prioridade à busca de soluções imediata para os problemas".

Atualmente em quase todos os territórios, o processo de parceria Universidade - Empresa já é uma realidade. Isso se deve, em parte, à revolução tecnológica que traz uma obsolescência muito rápida de processos e de produtos, aumentando assim, a concorrência internacional das empresas e produtos. Dessa forma, na opinião de Morães (1994: 102), as empresas ofereceriam o apoio de técnicos qualificados e sua atualização tecnológica em aspectos produtivos, e a Universidade contribuiria com a agregação de novos conhecimentos e tecnologias ali pesquisados, superando a fase

anterior de apenas contribuir com o conhecimento técnico de seu quadro de pesquisadores.

Ao ocorrer o entrosamento Universidade - Empresa tem-se uma redução do gap tecnológico por direcionar as atividades de pesquisa para temas aproveitáveis pelo setor empresarial como para rever o conteúdo e a oferta de disciplinas e preparar cursos de reciclagem e aperfeiçoamento de acordo com a necessidade desse público. Vê-se que esse novo comportamento depende menos de uma mudança estrutural, e mais de uma mudança ética e comportamental.

Na teoria Shumpeteriana, a capacitação e a inovação tecnológica são fatores que determinam o êxito da competitividade de empresas e países.

Morães (1994: 112) tem colocado que o aprofundamento dos laços entre as empresas e as Universidades são fortalecidos pela conjuntura atual, tornando necessário o conhecimento das barreiras existentes para superá-las, buscando ainda aproveitar as motivações de ambos os segmentos. É preciso uma gestão tecnológica eficiente, utilizando-se um ou mais dos diversos mecanismos de integração, adaptando-os a cada país e a cada situação”.

#### **4. CARACTERÍSTICAS E LIMITAÇÃO DA PESQUISA**

Diferente autores abordam formas diversas de métodos de pesquisas disponíveis, dentre os quais se pode citar Gil (1991: 18), “os métodos científicos não são receitas infalíveis; por essa razão, a ciência se subordina aos métodos apenas enquanto se mostram eficientes. Ela é livre para modificá-los a qualquer momento com vistas à obtenção de maior racionalidade e objetividade.

O desenvolvimento deste trabalho enquadra-se no método indutivo. Gil (p. 23) explicando esse método afirma que "de acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de um número de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade."

Ainda segundo o mesmo autor (p. 36) "o objetivo da pesquisa em qualquer ciência é o de buscar respostas claras, precisas, racionais e objetivas para os problemas que são propostos. As pesquisas podem decorrer de razões de ordem intelectual ou de ordem prática. O primeiro grupo de razões baseia-se no desejo de conhecer pela simples satisfação de conhecer e o segundo no desejo de conhecer para agir."

O trabalho desenvolveu-se no tipo de pesquisa descritiva, o qual possui por finalidade principal, Selltiz et alii (1975:76/77) e Rudio (1975:56), fazendo uso das palavras deste último, a de "... descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los..."

A esse respeito Gil (p.39), observa que as pesquisas descritivas "tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, ainda, o estabelecimento de relações entre variáveis". Para aquele autor seriam diversos os estudos classificáveis como descritivos, constituindo-se em uma de suas características mais significativas a utilização de técnicas padronizadas quando da coleta de dados.

A pesquisa descritiva, utilizada no desenvolvimento do trabalho, apresenta como vantagem o fato de possibilitar às ciências do comportamento, conhecimentos anteriores do problema a ser

pesquisado, pois não se limita apenas a um método de coleta de dados.

## **5. DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS**

O objetivo do estudo foi o de, através da análise de pesquisa conduzida junto aos professores da FACECA, contribuir para o crescimento da pesquisa científica na unidade bem como na busca de uma maior participação da Universidade junto às Empresas.

Um dos pressupostos utilizados foi o de que uma melhoria na qualidade de ensino, estaria fundamentado num melhor nível de capacitação dos professores alocados para as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Para a condução do trabalho definiu-se inicialmente as Variáveis Independentes, Dependentes, e Intervenientes que caracterizam o nível de pesquisas dentro da Unidade.

### **VARIÁVEIS INDEPENDENTES:**

Considerou-se como Variáveis Independentes, aquelas ações que possibilitam a realização de pesquisa dentro da Unidade FACECA, como exposto a seguir:

- a) capacitação para a pesquisa: Esta variável procura verificar a capacitação do professor para a realização de pesquisa.
- b) conhecimento dos órgãos de financiamentos: através dessa variável procura-se identificar o nível de conhecimento que os professores possuem tanto dos recursos financeiros para a pesquisa oferecidos pela PUCCAMP, como dos recursos financeiros externos.

### **VARIÁVEIS DEPENDENTES:**

Adotou-se como variáveis dependentes, aspectos relacionados à Impactos Imediatos, que o uso da pesquisa possa trazer para a sala de aula, tais como:

- a) qualidade das aulas: o tema qualidade de ensino tem sido um dos mais discutidos nesses últimos anos, razão de um motivo maior cuidado da Universidade com o mesmo. Em vista dessa preocupação, essa variável busca estudar como se tem dado a melhoria das qualidades de aulas pelos professores que praticam a atividade de pesquisa.
- b) aplicação dos resultados de pesquisa: a qualidade do ensino depende de vários fatores, um deles seria trazer para a sala de aula os resultados de pesquisas no campo de conhecimento do docente. Assim essa variável procura conhecer dados referente a aplicação dos resultados de pesquisas junto ao corpo discente.

### **VARIÁVEIS INTERVENIENTES:**

Dentro do universo de fatores que podem ser enquadrados como variáveis intervenientes, escolheu-se a algumas poucas, que impactam fortemente a relação entre as variáveis independentes e dependentes, tais como o acesso à pesquisa por parte do professor; a qualificação do corpo docente e as condições proporcionada pela PUCCAMP..

#### **5.1- Procedimentos para a Coleta de Dados**

Utilizou-se para o levantamento dos dados de um instrumento simples, pouco volumoso e semi-estruturado, para medir as variáveis da pesquisa.

Utilizou-se para o levantamento dos dados de um instrumento simples, pouco volumoso e semi-estruturado, para medir as variáveis da pesquisa.

Selecionou a FACECA como foco do estudo, procedendo-se ao inicialmente a um pré-teste do instrumento de coleta de dados.

Para início desse trabalho de pesquisa, foi solicitada junto a diretoria permissão para a coleta de dados, posteriormente foram distribuídos aos professores dos três departamentos que compõe a Unidade os formulários, dando-se um prazo para seu retorno.

## **5.2 - Procedimentos para a Análise dos Dados**

De maneira geral a análise obedeceu ao esquema a seguir:

As questões foram formuladas tanto com perguntas fechadas, quanto com perguntas que permitiam respostas dissertativas.

A análise dos dados foi feita levando-se em consideração os valores assumidos pelas variáveis, bem como a relação existente entre as Variáveis Independentes e Dependentes, objetivando-se verificar os fatores que impediriam a realização de pesquisa dentro da Unidade.

## **6. ANÁLISE DOS DADOS**

O processo de análise do material deparou-se com um grande entrave: a participação dos professores, uma vez que de oitenta questionários distribuídos, obteve-se um retorno de apenas 13.6 %, levando a que as conclusões a que se chegou devam ser vistas com ressalvas, dado que não expressam necessariamente a opinião do corpo de professores da FACECA.

quanto ao intercâmbio de conhecimento entre o meio acadêmico e as organizações empresariais.

Para os respondentes, a aproximação das empresas com a Universidade permitiria o aumento do ingresso de recursos financeiros e a modernizações das instalações desta última.

Dessa forma a Universidade deveria estar mais voltada para a comunidade, uma vez que não sobrevive só, tomando-se necessária uma contínua interação com o ambiente externo como forma de melhor encaminhar para a comunidade profissionais com visão crítica diante do mercado de trabalho.

Quanto a atuação da Unidade junto às empresas, 100 % dos respondentes afirmaram que tenderá a ocorrer uma elevação no número de prestação de serviços nas áreas de economia, administração e contábeis, revelando-se como consenso entre os docentes respondentes a necessidade da Unidade desenvolver pesquisas que venham atender ao segmento empresarial nos diferentes ramos.

Ainda na visão dos professores pesquisados a prestação de serviços para a comunidade sofreria restrições quanto:

**Quadro 1**  
**Restrições à prestação de serviços**

RESUMO DAS ANÁLISES	PERCENTUAL
Falta de um maior engajamento de professores com especialização para tanto	82%
Falta de um entrosamento maior de professores com a coordenação	65%
Excesso de burocracia para a continuidade dos projetos	47%
Falta de infra-estrutura acadêmica e capacitação docente	76%
Escassez de recursos de financiamentos	35%
Atividade de free lance exercidas por muitos professores e dificuldades no regime de contrato de trabalho	41%
Preocupação empresarial	18%

Na visão de 82 % dos respondentes a falta de um maior engajamento de professores com especialidade para prestarem serviços fora da sala de aula, sofreria restrições devido ao interesse desses professores nesse tipo de atividade.

Os respondentes responderam ainda que não haveria dificuldade na relação entre as atividades exercidas externamente e as disciplinas ministradas em sala de aula, já que as atividades externas complementariam e qualificariam o trabalho do docente, sendo que a não realização de pesquisas se daria devido a capacitação insuficiente.

Outros 65 % dos respondentes foram da opinião que a falta de um entrosamento entre professores e coordenadores dificultaria as

atividades de reciclagem do corpo docente, em razão, como indicado, da pequena participação de professores em reuniões de departamento e congregação.

O excesso de burocracia, na visão de 47% dos respondentes, seria um dos fatores que dificultaria a pouca inserção em atividades de pesquisas extra-aula. A esse respeito um dos respondentes salientou que a existência de muitos docentes fora das atividades de pesquisa influiria de forma negativa nos aspectos didáticos e pedagógicos.

De acordo com 76% dos respondentes a falta de melhor infra-estrutura acadêmica desestimularia o contínuo aperfeiçoamento dos professores. Ainda na opinião dos mesmos essa capacitação insuficiente evidencia-se na existência de poucos professores devidamente preparado para a orientação de monografias no curso de ciências econômicas.

A escassez de recursos para financiamentos, na opinião de 35 % dos respondentes desestimularia os professores e por aumentar as dificuldades no desenvolvimento dos estudos e pesquisa necessário a um bom curso, gerando insatisfação quanto a qualidade dos cursos oferecidos.

41% dos respondentes revelaram que as restrições quanto a prestação de serviços na FACECA ocorreria devido ao pouco envolvimento de vários dos docentes que ministram aulas em seu tempo livre e as dificuldades no regime de contratação. De acordo com os respondentes a fragilidade nas contratações aumentaria as atividades de "free lance" e a apatia de professores na participação em atividades extra-aula elevando assim, o desprestígio político e educacional desses professores perante a Universidade.

Na ótica de 18% dos pesquisados o preconceito empresarial atuaria como fator obstruidor do aumento de prestação de serviços da Universidade para as empresas. O preconceito ocorre devido a ausência de um projeto específico voltado para a pesquisa e um histórico desprovido de trabalhos apresentados a comunidade.

**Quadro 2**  
**Síntese dos professores que não fazem pesquisa**

RESUMO DAS ANÁLISES (%)	Muito abaixo da média	Abaixo da Média	Na Média	Acima da Média	Muito acima da Média
aproveitamento dos alunos (em sala de aula)	24	18			
recursos financeiros oferecidos pela PUCAMP	18	24			

OBS.: O quadro não soma 100 % em razão de algumas questões respondidas não puderam ser aproveitadas.

Quando da análise as ausências de pesquisas na Unidade observou-se que 42% dos professores que responderam aos questionários (esses professores não fazem pesquisas) consideraram que seus alunos têm um aproveitamento inferior a média, revelando ainda que não costuma haver envolvimento do aluno com o professor fora da sala de aula.

Ainda na visão dos respondentes que não realizam pesquisa, os recursos financeiros, destinados à pesquisa pela PUCAMP são considerados como abaixo da média para 42%.

**Quadro 3**  
**Síntese dos professores que fazem pesquisa**

<b>RESUMO DAS ANÁLISES (%)</b>	<b>Muito abaixo da média</b>	<b>Abaixo da Média</b>	<b>Na Média</b>	<b>Acima da Média</b>	<b>Muito acima da Média</b>
aproveitamento dos alunos;	-	6	29	5	2
utilização, em sala de aula, do material obtido	6	6	6	24	-
recursos financeiros oferecidos pela PUCAMP	6	6	12	6	6

OBS.: O quadro não soma 100 % porque algumas questões respondidas não puderam ser aproveitadas.

Por outro lado ao se analisar o quadro de respondentes envolvidos em pesquisas na Unidade, constata-se que 36 % consideraram que o aproveitamento, tanto de suas turmas quanto daqueles alunos auxiliares de pesquisa, estaria acima ou mesmo muito acima da média.

Constatou-se ainda a utilização, em sala de aula, do material coletado nas atividades de pesquisas e a aprovação, por parte dos professores pesquisadores, dos recursos financeiros e mesmo materiais e logísticos oferecidos pela PUCAMP.

Observou-se a existência, na Unidade, de muitos professores que encontram dificuldades por desconhcerem a Universidade, não fazendo uso dos recursos ofertados, como mostraram os dados da

pesquisa, ao revelar que 18% não realizam pesquisa por desconhecerem os recursos oferecidos; enquanto que 35% dos respondentes, por não conhecerem a linha de financiamento da PUCCAMP, fazem uso tão somente dos recursos financeiros externos à Universidade.

**Quadro 4**  
**Atividades de valorização do curso de Administração**

RESUMO DAS ANÁLISES	PERCENTUAL
ampliar a carreira docente	29%
fazer convênios com empresas privadas, estaduais e municipais	35%
tomar como exemplo outras Universidades privadas como as demais PUC's	18%
consolidar uma política de pesquisa na Instituição	47%
integrar pesquisa com ensino e extensão	41%

41% dos professores que responderam à pesquisa apontaram a necessidade de integrar a pesquisa com a atividade de ensino e extensão e manifestaram o desejo de ampliar as discussões sobre as condições de ensino-aprendizagem junto com a Universidade num período de médio a longo prazo.

Observou-se ainda que para 29% dos respondentes haveria a necessidade de ampliar a carreira do docente. Para os mesmos isso funcionaria como uma das estratégias de valorização dos cursos da

FACECA, objetivando fazer frente ao ingresso, na região, de outras unidades de ensino superior.

Ainda na visão da totalidade dos respondentes, haveria a necessidade de se contar, no seio da Universidade, com o fortalecimento de seu projeto pedagógico e político de capacitação docente com o objetivo de oferecer melhores condições materiais e infra-estrutura para que ocorra as inovações no trabalho docente.

## 7.0 - Conclusões

Nesta parte do trabalho discute-se as conclusões a que se chega como resultado da análise da pesquisa, procurando-se respostas à questão de estudo e aos objetivos propostos.

Pode-se constatar, através da revisão bibliográfica, que em relação à busca de uma maior interação entre as Universidades e as empresas, inexistiria uma política tecno-científica e educacional condizente com a modernização. O resultado disso tem levado a estagnação e ao atraso na qualidade do trabalho docente, acarretando uma defasagem na formação profissional do aluno.

Verificou-se, nos dados pesquisados, que no interior da Universidade há docentes e discentes que desconhecem o trabalho que a PUCCAMP oferece à comunidade acadêmica, revelando-se consenso entre os pesquisados, a necessidade de se rever alguns processos administrativos para caminhar em direção a um maior conhecimento das atividades da PUCCAMP.

Neste desejo de transição e interação, os professores mostram que têm extraordinária capacidade de mudar, e ter uma visão clara do caminho a ser percorrido, apontando a necessidade de programas de reciclagem didática como um desses caminhos.

Torna-se, portanto, necessário apresentar uma nova estratégia de desenvolvimento uma vez que as condições de sucesso das Universidades residiriam em sua capacidade de inovar. Conclui-se assim que no atual contexto econômico e competitivo, a inovação exige também das organizações universitárias uma maior rapidez nas decisões.

Constatou-se também que as empresas estão em busca de pessoal qualificado com um bom nível de escolaridade para operar equipamentos de última geração e de uso mais complexo, o que destoaria com a realidade da maioria das Universidades privadas, nas quais não costuma haver uma maior exigência na capacitação de seus professor, aprofundando o "gap" na interação Universidade - Empresa.

Observou-se, ainda, que na FACECA muitos dos professores não teriam maiores vínculos com o desenvolvimento da Unidade devido a fragilidade do projeto Institucional da Universidade, que ainda privilegia, por razões aqui não analisadas, o regime horista. Esse seria um dos fatores apontado como desestimulador para o aperfeiçoamento e especialização por parte do professor, por aumentar o desinteresse por novos estudos e/ou atualização em suas áreas de conteúdo e didática.

Constatou-se, por outro lado, que para muitos docentes a carreira docente não seria prioridade, haja visto que exercem atividades externas, sendo que alguns efetuam pesquisas externas, na condição de professor da PUCCAMP, sem envolver formalmente a FACECA.

Possivelmente em decorrência desses fatos os professores resistem as propostas de mudança no ensino pedagógico e a se inserirem nas atividades gerais da Universidade.

Numa análise geral, na busca de maior interação Universidade - Empresa, a FACECA tem utilizado o seu histórico de formação de cinquenta e quatro anos de fundação e, cinquenta e quatro de funcionamento do curso de graduação em economia; vinte e sete anos de funcionamento do curso de graduação em administração; vinte e dois anos de funcionamento do curso de graduação de ciências contábeis; onze anos de funcionamento do curso de pós-graduação em economia de empresas; sete anos de funcionamento do curso de pós-graduação em administração mercadológica e quatro anos nos de pós-graduação em contábeis e auditoria.

Dentro desse valioso histórico, a FACECA, no ano de 1995, conta com um quadro de aproximadamente cento e vinte e cinco professores e quatro mil e trezentos e trinta e cinco alunos. No quadro de professores a Unidade conta com trinta professores em capacitação em Mestrado ou Doutorado e possui um número de vinte e um professores com mestrado, enquanto que apenas nove professores possuem doutorado.

É essencial que haja uma interação entre os professores na FACECA para que ela possa com isso, retomar o crescimento e só assim superar de forma realista a estagnação. A estagnação não é mais profunda nem mais rápida se comparada a outras Universidades privadas. É bem verdade que temos dificuldades sérias, mas também é certo que temos potencialidade.

Conclui-se que, ao exercer ações objetivando eliminar a apatia dos professores em realizar projetos de pesquisa, a PUCAMP estará contribuindo para a melhoria na qualidade de ensino, bem como mantendo a sua credibilidade na sociedade.

Dessa forma, definir uma estratégia de crescimento é fundamental. Que não se recuse qualquer abordagem dogmática, mas que também se adote uma perspectiva pragmática, e mesmo assim só atingirá os objetivos de desenvolvimento, se os professores forem precisos nas tomadas de decisões a efetuar pesquisas que garantam o efetivo acesso à modernidade.

## 8. BIBLIOGRAFIA PESQUISADA

- A REVOLUÇÃO que liquidou o emprego. Revista Veja, São Paulo, p.88-95, 19 de outubro de 1994a.
- ANGRAD. Encontro Nacional dos cursos de graduação em Administração. São Paulo: Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração, set. 1991
- ARAÚJO JÚNIOR, José Tavares de. A política Científica e Tecnológica. Rio de Janeiro: Zahar. 1985
- BETHEM, Agrícola de Souza. A estratégia da Haward Business School. Revista de Administração, São Paulo, v.28, n.3, p. 86 - 92, jul/set, 1993.
- BRASIL, Comissão Nacional. Reformulação da Educação Superior. Brasília, 1985
- BRASIL, Congresso Nacional CPMI - Causas e Dimensões do Atraso Tecnológico. Brasília, 1992
- BRASIL, Congresso Nacional. Relatório final - Comissão Parlamentar Mista de Inquérito. Brasília, 1992
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 05 de outubro de 1988: 3<sup>a</sup> ed., São Paulo: Atlas, 1993. Cap. 3.

- BRASIL. MINISTÉRIO da EDUCAÇÃO, Uma nova política para a educação superior. Brasília: Comissão Nacional para a Reformulação da Educação Superior, nov/1985
- BRISOLLA, Sandra de Negraes. A relação da Universidade - setor produtivo: o caso da UNICAMP. Revista de Administração, São Paulo, v.25, n.1, p. 108 - 126, jan/mar. 1990.
- \_\_\_\_\_, C&T passa por diagnóstico. Jornal da UNICAMP, Campinas, 11/09/94, p.03.
- DURHAM, Denise. Causas e Dimensões do Atraso Tecnológico. Relatório final, Brasília: Congresso Nacional, Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, 1992
- FLEURY, Afonso Carlos C. Gestão de tecnologia na empresa industrial brasileira. Revista de Administração, São Paulo, v. 22, n.4, p. 3 - 13, out./dez. 1987.
- \_\_\_\_\_, Automação na Indústria Metal - Mecânica. Tendência da organização do trabalho e da produção. Revista de Administração, São Paulo, v.24. n.3, p. 10 - 24, jul/set, 1990.
- FRACASSO, Edi M; SLONGO, Luiz & NASCIMENTO, Luiz F. Relação Universidade empresa: o caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Revista de Administração, São Paulo, v.25, n. 1, p. 133 - 141, jan/mar, 1990.
- FURTADO, Helena L. Alves & AMORIM, Dalmo de Souza. Planejamento estratégico numa instituição de ensino superior. Revista de Administração, São Paulo, v.25, n.1, p. 157 - 161, jan/mar, 1990.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1990.

- GONÇALVES NETO, César. As unidades de relacionamento Universidade/empresa no Reino Unido. Revista de Administração, São Paulo, v.23, n.2, p. 67 - 76, abr/jun, 1988.
- JOHNSON, Bruce B. Cenários prospectivos para o planejamento estratégico. In: SPE Sociedade de Planejamento Empresarial - III Encontro Brasileiro de Planejamento. Emp. São Paulo - SPE 1989
- MARÇAL, Haroldo. Análise da readaptação dos pós-graduado de origem. Revista de Administração, São Paulo, v.18, n.4, p. 91 - 92, out/dez, 1983.
- MARCOVITCH, Jaques. Ensino e pesquisa em gestão tecnológica na América Latina. Revista de Administração, São Paulo, v. 26, n.3, p. 89 - 100, jul/set, 1985.
- \_\_\_\_\_, Tecnologia e competitividade. Revista de Administração, São Paulo, v.26, n. 2, p. 12 - 21, abr/jun, 1991.
- \_\_\_\_\_, Gestão tecnológica e interação Latino Americana. In REUNIÃO ANUAL DA CNPAD, Natal 1988. Anais. Belo Horizonte: CNPAD, 1988. p. 53 - 67.
- MARIOTTO, Fábio L. O conceito de competitividade da empresa: Uma análise crítica. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.31, n.2, p. 17 - 52, abr/jun, 1991.
- MARX, Karl H. El capital crítica de 1ª economia política. Buenos Aires: Biblioteca Nuevas 1946.
- \_\_\_\_\_. Livro primeiro e contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MORÃES, Ruderico, STAL Eva. Interação Universidade empresa no Brasil. Revista de Administração, São Paulo, v.34, n.4, p. 98 - 112, jul/ago, 1994.

- OZOLINS, Alberto L. Competência para a absorção de tecnologia. Revista de Administração, São Paulo, v.26, n.1, p. 35 - 42, jan/mar, 1991.
- PASTORE, José. Recursos humanos e ensino superior. In ENCONTRO NACIONAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 2o. São Paulo, 1991. Anais. São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 1991.
- PUCAMP, Comissão de Carreira Docente. Relatório Final do I Seminário de Avaliação de Carreira Docente. Ofício Circular 04, 1994.
- RANGEL, Ronaldo. O capitalismo e a nova ordem: Um ensino de interpretação, Belo Horizonte, O Lutador. 1992
- RATTNER, Henrique. Tecnologia e desenvolvimento sustentável: uma avaliação crítica. Revista de Administração, São Paulo, v.26, n.1, p. 5 - 11, jan/mar, 1991.
- REGULY, J. C. et alii. Idéias de quem faz: Política científica e tecnológica: Financiamento da Pesquisa e Ensino de Ciências no Brasil, Brasília: MEC. 1987.
- RENAULT, Michel & RANGEL, Ronando. Desafios de um novo padrão de acumulação. São Paulo: Lumen Juris, 1994
- RUDIO, Franz V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópoles, Vozes, 1986
- SALM, Cláudio, AZUETE, F. Modernização industrial e a questão dos recursos humanos. Revista do Instituto de Economia - Economia e Sociedade - UNICAMP. Campinas, ago, 1992
- SELLTIZ, et alii. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1975
- SCHUMPETER, J. A.. A teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo: Abril, 1988

SOUSA, José Eduardo R. Ensino e aprendizagem em sala de aula - relato de uma experiência metodológica no ensino de Administração. Cadernos da FACECA, Campinas, v. 1, n.1, p. 9 - 14, nov, 1993.

WALTERS, Luc, MATOS, Francisco G de, SOUZA, Nelson M. A empresa hoje. Rio de Janeiro: Instituto Euvaldo Lódi, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1981